

Estados Unidos seguirão em defesa do Estreito de Ormuz, diz Rubio

O secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, afirmou ontem que Washington continuará defendendo o Estreito de Ormuz para mantê-lo aberto e disse que o presidente Donald Trump mantém opções militares contra o Irã, embora esteja concentrado neste momento em ampliar a pressão econômica sobre Teerã.

Rubio afirmou que Trump dispõe de “várias opções” em relação ao Irã, inclusive militares. Segundo ele, um eventual acordo com Teerã exigirá “muito trabalho e muito tempo”. O secretário ainda acrescentou que os EUA não colocarão a “ordem mundial” acima dos interesses nacionais. Os comentários de Rubio foram feitos enquanto o presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, discursava na ONU.

Sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia, Rubio disse que ambos os países querem chegar a um entendimento para encerrar

o conflito e afirmou que Moscou e Kiev demonstram interesse em um cessar-fogo envolvendo grãos e energia. “Essa guerra acabará com um acordo, não com mais bombardeios”, declarou.

Rubio também comentou a situação da Venezuela e disse que a economia do país ainda sofre as consequências do que classificou como “regime corrupto de Nicolás Maduro”. Segundo ele, há “muitas coisas para corrigir” para que o país volte a funcionar.

O secretário afirmou ser crucial que a Venezuela tenha eleições livres, mas ressaltou que a reconstrução econômica deve ocorrer ao mesmo tempo. Rubio defendeu ainda a reorganização dos partidos de oposição, liberdade para a imprensa e condições para que candidatos possam levar suas mensagens ao público. “Queremos que a Venezuela seja uma democracia estável, com uma economia sólida”, disse.



Na ONU, Irã acusa EUA e Israel de terrorismo

Presidente afirmou que Teerã não abrirá mão do programa nuclear

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O atual presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, fez um discurso duro na Assembleia Geral da ONU, em Nova York, em que afirmou que Teerã não abrirá mão de seu programa nuclear, acusou Estados Unidos e Israel de terrorismo e levou fotografias de crianças mortas na guerra.

Na véspera, Donald Trump ameaçou destruir a população do Irã durante seu discurso. O republicano disse que tem uma decisão importante a tomar: firmar um acordo com o país persa ou “aniquilar a República Islâmica e fazer isso rapidamente”.

Pezeshkian afirmou que Teerã não pode ser forçado a se render. “Provamos que não temos medo de lutar, de enfrentar uma guerra. Defenderemos nosso amado Irã até nosso último suspiro”. Ele levou fotografias de crianças mortas em um bombardeio a uma escola em Minab e criticou os ataques a estruturas civis. “Vocês veem essas crianças? Elas pereceram sob bombas e armas utilizadas pelos EUA e por Israel. Elas eram inocentes.”

Pezeshkian disse que os iranianos foram vítimas de terrorismo e genocídio. “Só nos defendemos. Não somos terroristas. Não atacamos populações civis”, afirmou. Ele afirmou ainda que o país “busca apenas viver de forma independente”.

O iraniano também levou

uma imagem de Ali Khamenei, líder supremo do país morto no primeiro dia de conflito. Pezeshkian afirmou que ele foi assassinado “sem qualquer respaldo ou justificativa legal”.

Pezeshkian encerrou com uma mensagem direta a Trump. “O presidente dos Estados Unidos deve saber que a resistência do povo iraniano só aumentará diante de sanções, do aumento da pressão e da intensificação das intimidações. Nós nunca baixaremos a cabeça nem nos ajoelharemos”, afirmou.

“O Irã precisa deixar claro para o senhor Trump e para aqueles que tentam nos intimidar que estamos prontos para o diálogo e a diplomacia, mas sem aceitar a linguagem da força.”

Falas do regime em Nova York não apontam sinais para o fim da guerra. Na véspera, após disparar as ameaças contra Irã, Trump disse acreditar que Washington e Teerã vão chegar a um acordo após as eleições de meio de mandato, marcadas para novembro. No mesmo dia, funcionários de alto escalão dos EUA se reuniram com representantes do regime iranianos à margem da Assembleia Geral.

Trump afirmou, após seu discurso, que os enviados Steve Witkoff e Jared Kushner tiveram uma “reunião muito boa” com integrantes da delegação iraniana. A televisão estatal iraniana informou que o ministro das Relações Exteriores, Abbas Araghchi, participou das

tratativas. Estas foram as primeiras conversas diretas desde o fim de junho.

A guerra começou em 28 de fevereiro, quando forças americanas e israelenses lançaram uma ampla ofensiva contra o país persa. Desde então, o conflito se espalhou pelo Oriente Médio, e as tentativas de pôr fim à guerra fracassaram.

Mojtaba Khamenei, filho de Ali, foi escolhido como seu sucessor, mas não é visto em público desde o início do conflito. Embora tenha divulgado declarações por escrito, nenhuma imagem ou gravação de áudio veio a público. Acredita-se que ele teve o rosto desfigurado no mesmo bombardeio que matou seu pai.

Em junho, Irã e EUA assinaram um memorando de entendimento que previa a interrupção das operações militares e uma janela de 60 dias para negociar um acordo mais amplo. O entendimento, porém, não resultou no fim da guerra: os combates foram retomados, o documento expirou em agosto e não houve avanço nas negociações diplomáticas entre os dois países.

Uma nova frente do conflito se abriu com a retomada dos ataques dos rebeldes houthis, aliados de Teerã. O grupo, que controla as áreas mais populosas do Iêmen e grande parte do norte do país, vem lançando ofensivas contra a Arábia Saudita desde que declarou, em julho, um bloqueio naval contra Riad, com ataques no mar Vermelho.

Putin espalha guerra e precisa ser parado, diz Zelensky

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, chamou o presidente russo, Vladimir Putin, de “paciente zero” que espalha a guerra adiante e “precisa ser parado”, em seu discurso na Assembleia Geral da ONU.

“Putin sempre busca alguém para ajudá-lo a matar mais por cada quilômetro de território, em vez de simplesmente parar e administrar seu próprio país. É possível imaginá-lo sem a guerra? Ele é o paciente zero, a partir de quem essa ideia de guerra continua se espalhando adiante. E, aonde ela se espalha, traz apenas dor, instabilidade, novos riscos e crises. Quanto mais liberdade Putin tem para

agir, mais perigoso o mundo fica para todos”, afirmou. “É por isso que o paciente zero precisa ser parado. Ele precisa ter negado o espaço para agir e espalhar esse mal adiante”, acrescentou.

O presidente disse ainda que Kiev tem provas, em imagens de vídeos feitos por drones, de milhares de russos mortos nas linhas de frente, embora seja na prática impossível provar isso de forma independente. A tecnologia, que a Ucrânia dominou em meio a conflito, foi exaltada por Zelensky.

A fala sobre os drones foi também o apoio do argumento de que Putin manda russos e não russos para morrer na linha de frente sem

motivo. “São 248 pessoas por quilômetro usadas por Putin”, afirmou Zelensky, chamando de loucura a continuação da guerra.

Líder ucraniano listou uma série de nacionalidades, como Bangladesh, Cuba, Nepal e Quênia, que chegam para lutar do lado russo da guerra através de mentiras e intrigas. “Quero me dirigir diretamente a todo representante desses 47 países: vocês sabem o que a Rússia está fazendo com seu povo. Cuidem deles e não deixe que eles terminem em outro front. Não deixe Putin arrastá-los a esta guerra, e não deixe a Rússia esconder sua desonra e pagar por essa loucura com a vida de seu povo”, afirmou.